



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

IARA TXAI PIMENTEL DE SOUZA

**A ARTE DAS CORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS COM GOETHE,
STEINER E VIGOTSKY**

BRASÍLIA

2018

IARA TXAI PIMENTEL DE SOUZA

**A ARTE DAS CORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS COM GOETHE,
STEINER E VIGOTSKY**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação, como exigência final para obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Lima Martins Pederiva

BRASÍLIA

2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pa	<p>Pimental de Souza, Iara Txai A arte das cores na educação infantil: diálogos com Goethe, Steiner e Vigotsky / Iara Txai Pimental de Souza; orientador Patrícia Pederiva; co-orientador Edson Cesar. -- Brasília, 2018. 30 p.</p> <p>Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2018.</p> <p>1. Goethe. 2. Steiner. 3. Vigotsky. 4. Arte. 5. Infância. I. Pederiva, Patrícia, orient. II. Cesar, Edson, co-orient. III. Título.</p>
----	--

TERMO DE APROVAÇÃO

IARA TXAI PIMENTEL DE SOUZA

A ARTE DAS CORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS COM GOETHE, STEINER E VIGOTSKY

Trabalho de Conclusão de Curso, submetido à
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília,
como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga.
Apresentação ocorrida em ____/____/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra^a Patricia Lima Pederiva (Orientadora)

Edson César (Co-orientador)

Augusto Charan Alves Barbosa Gonçalves (Examinador)

Maria Aparecida Camarano Martins (Examinador)

BRASÍLIA

2018

Agradeço a tudo que viabiliza minha existência como ser criador.

RESUMO

Neste trabalho fizemos uma reflexão a partir de três autores, para nos acercarmos da relação existente entre a arte e a sua atuação no desenvolvimento infantil. Com Goethe, nos aproximamos da observação fenomenológica, outra maneira de fazer ciência, de olhar para o mundo. Com Steiner, pudemos nos voltar para o desenvolvimento infantil e todas as nuances do desenvolvimento da vontade, do sentir e do pensar, evidenciando como a arte solicita o ser por inteiro. Vigotsky nos aproxima da arte como ferramenta social das emoções. Isso nos levou a ter um olhar mais sensível perante a educação como um todo. Chegamos ao entendimento de que a educação da arte é algo muito rico, até mesmo para ampliar nossas possibilidades de relação com o mundo e com o outro.

Palavras-Chave: cores; Steiner; Vigotsky; arte; infância.

RESUMEN

En este trabajo, hicimos una reflexión, partiendo de tres autores para que nos acerquemos de la relación entre el arte e su actuación en el desarrollo infantil. Con Goethe, nos acercamos de la observación fenomenológica, otro modo de hacer ciencia, otro modo de mirar hacia el mundo. Con Steiner, pudimos volver hacia el desarrollo infantil e a todos los matices del desarrollo de la voluntad, del sentir y del pensamiento, resaltando como el arte demanda el ser integral. Vigotsky nos acerca del arte como herramienta social de las emociones. Eso nos llevó hacia una mirada más sensible, frente la educación como un todo, llegamos a la comprensión de que la educación del arte es muy rica, incluso para ampliar nuestras posibilidades de relación con el mundo y con el otro.

Palabras clave: colores; Steiner; Vigotsky; arte; infancia.

SUMÁRIO

1) INTRODUÇÃO.....	11
2) ESTRUTURA DO TRABALHO E METODOLOGIA.....	13
3) CAPÍTULO I - TEORIA DAS CORES DE GOETHE.....	14
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E O MÉTODO	
FENOMENOLÓGICO.....	14
3.2 CLASSIFICAÇÃO DAS CORES, POR GOETHE.....	15
3.3 PSICOLOGIA DAS CORES, DE GOETHE.....	16
4) CAPÍTULO II – ARTE, DESENVOLVIMENTO INFANTIL E	
STEINER.....	19
5) CAPÍTULO III – ARTE, DESENVOLVIMENTO INFANTIL E	
VIGOSTKY.....	24
6) CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	30

MEMORIAL

Nasci em Brasília, em maio de 1995. Filha de uma mãe professora e de um pai jornalista que sempre se ocuparam em pensar sobre a educação de seus filhos, de forma a não excluir nenhuma potencialidade que poderíamos ter em nossas vidas, enquanto pessoas em desenvolvimento no mundo. Desde muito nova, frequentei creches, mas somente me lembro disso, a partir do jardim de infância, quando estudava na Vivendo e Aprendendo, onde fazíamos culinária e trabalhos artísticos (plásticos e musicais).

Lembro-me que, quando caiu meu primeiro dente, ainda na pré-alfabetização, estávamos fazendo nhoque de batata. A junção desses dois momentos me foi de tanta alegria que a lembrança me retorna como se estivéssemos festejando naquele momento. Após essa recordação, tenho vagas lembranças da discussão que meus pais tinham, ao pensar em que escola eu iria ser alfabetizada de fato. Minha mãe, na qualidade de pedagoga e de funcionária da Secretaria de Educação, tinha boas referências de escolas públicas, além de escolas com propostas educacionais menos convencionais, como o INDI e a Moara. Tenho a lembrança de visitarmos cada uma dessas escolas, antes da decisão.

Nessa época, eu já escrevia e lia breves frases, mas ainda como se estivesse desenhando a palavra e não escrevendo de fato. Meus pais, então, decidiram que eu iria para a Escola Moara, onde nenhum de meus amigos iria estudar. Esse foi um momento difícil pra mim. Lembro que passei alguns dias pensando em como seria ter colegas totalmente novos; e em quando eu iria rever meus colegas da escola anterior. Entretanto, ao começar a estudar na Moara, fui muito bem acolhida pela turma. Mesmo tendo um pouco de vergonha e certa dificuldade em me socializar, a turma me recebeu como se já nos conhecêssemos desde sempre.

Na Escola Moara, passei 5 anos. Foi lá que aprendi a técnica de aquarela no papel molhado. Era uma delícia experimentar as possibilidades de mistura e de movimento das cores. Tenho outra forte lembrança dessa época: quando tínhamos que desenhar alguma cena da história que a professora havia contado, era nesse momento que eu conseguia, de fato, entrar na história, quase como se eu tivesse vivido aquilo. Desde então, o desenho acompanhou minhas aprendizagens. As matérias que mais me interessavam eram aquelas nas quais eu podia representar o conhecimento de alguma forma artística visual ou imagética. Talvez seja por isso que sempre gostei muito de matemática, de biologia, de artes e de

geografia, até a geografia virar geopolítica. Essas matérias tinham em comum o fato de que permitiam que eu pudesse apreender os conteúdos também de forma imagética.

Quando fui para o fundamental 2, fiz aulas de desenho no contra turno escolar e, novamente, era uma aula em que sempre me vinham inspirações e relações entre diferentes coisas que me passavam pela mente. Entretanto, essa aula de desenho durou pouco tempo e eu acabei me envolvendo com as artes dentro da escola que eu frequentava. Dentro dos limites estabelecidos, eu tinha a liberdade de criar um cenário para um teatro ou para uma apresentação, com meus colegas. Após esse momento de envolvimento direto com os movimentos artísticos que aconteciam dentro da escola, eu recebi a notícia de que eu iria me mudar de país. Novamente uma troca e justamente quando meu lado social estava brilhando.

Mudei-me para Madrid, meu pai havia decidido fazer um mestrado. Com isso, frequentei a Escuela Libre Micael, também uma escola Waldorf, como a Moara. Por 2 anos, eu amei ir pra escola, tinha professores interessantes, sala de música, de eurtmia e um ateliê com inúmeras possibilidades de pintar, de esculpir, de modelar. Nessa época, eu percebi que essa era uma das coisas que mais me entusiasmavam no meu cotidiano escolar. Não só a possibilidade e a disponibilidade para criações artísticas me entusiasmavam, mas, também, a possibilidade de representação de algo que existe na imaginação, como algo que é percebido sensorialmente.

Até eu entrar na universidade, me distanciei dessa arte que vivia em mim, e acabou sendo difícil a tomada de decisão de que curso fazer. Comecei o curso de pedagogia e, no semestre seguinte, comecei a cursar o seminário Waldorf de formação para professores. Na minha vivência, um curso carregou o outro. Se não houvesse o equilíbrio entre os dois, como em uma espiral ascendente, eu não estaria chegando ao fim de nenhum deles.

No curso de formação, passei por diversos caminhos que já havia trilhado anteriormente, porém, agora, com alguma consciência da intenção que havia por traz de todo aquele conteúdo. Consegui perceber em mim como, ao desenhar, por exemplo, minha atenção auditiva se ativa gerando uma concentração fixa ao que soa a minha volta. Dessa forma, aprendi novamente, porém de outra forma, a desenhar com giz de cera, a fazer aquarela, a ouvir e contar histórias, a observar o mundo. Aprendi o valor que a vida tem e entendi também o que a educação carrega como tarefa diante da humanidade. Assim, consegui me encaixar nesse mundo, achar um lugar do qual eu também faço parte e me reconheço.

Todas essas minhas vivências artísticas me levaram a pensar em como conversam a arte e o ser humano, em que âmbitos se encontram e como, na infância, surge esse interesse.

Essas são aquarelas que fiz durante o curso de formação para professores em Pedagogia Waldorf:



1) INTRODUÇÃO

A vontade de pesquisar esse tema surgiu quando eu cursava o 11º ano, durante um estágio que tinha como objetivo trabalhar em algum projeto social, de forma voluntária. Lá na Escócia, em uma fazenda biodinâmica, trabalhei auxiliando nas tarefas cotidianas da propriedade rural, durante duas semanas. E, nessas semanas, por sorte, aconteceu um curso sobre a teoria das cores de Goethe. Aí, eu tive a oportunidade de assistir as aulas práticas.

Foi nessas práticas com o prisma e com a aquarela que eu me encantei pelo tema. Desde então, esse desejo de conhecer essa teoria mais profundamente ficou guardado em mim, até que, ao final do curso de Formação Waldorf para professores, esse desejo retornou, propiciando a oportunidade de pesquisar como se relacionam as cores com o desenvolvimento na infância. Neste trabalho de conclusão de curso, com esta pesquisa, tenho a possibilidade de investigar se, e como se relacionam as cores com o ser humano em exercício com elas.

Assim, esta monografia tem o objetivo de entender como as cores se relacionam na vida do ser humano na infância, e se, e como, isso se relaciona com o processo pedagógico nesse contexto.

Na educação tradicional, a vivência das cores se resume à utilização de matizes para a execução de trabalhos artísticos como a pintura ou o desenho. Entretanto, entendo, a partir do conhecimento da teoria das cores de Goethe e de minha própria experiência, que as cores podem ser veículo da própria educação. Além de experienciar a pintura, para além de técnicas específicas, porque não experienciar a vivência com cores?

Em geral, quando alguém pensa em artes, logo se lembra do período escolar e de como essa disciplina era pouco valorizada. Entre os alunos, a matéria geralmente é vista como uma aula “passatempo”. O potencial da arte não é completamente explorado. Os alunos não usufruem, de modo geral, da enorme possibilidade de atividades, projetos e experiências que podem se tornar possíveis em um local, como a sala de artes: ambiente de criação.

Quando pensamos em experienciar a cor, adentramos o universo, em relação a isso, de inúmeras experiências cotidianas com as cores. Por exemplo, podemos imaginar alguém que adentre um quarto vermelho. Isso, no primeiro momento, lhe causará certa sensação, que provavelmente seria muito diferente da percepção, caso o quarto fosse azul. Ao permanecer nesse quarto, talvez possam surgir memórias e imagens que estejam atreladas à experiência

dessa pessoa com essa cor específica. Ou, podemos também imaginar uma bacia branca cheia de água e com gotas de pigmento azul. Pensemos ainda que alguém tem a tarefa de deixar a água dessa bacia toda azul. A cada gota um movimento se produz na água, como se aquela cor finalmente fosse libertada dos frascos. Essas experiências se agregam à experiências históricas e culturais do indivíduo que as viveram, mudando qualitativamente o desenvolvimento do pensar deste ser.

Possebon (2009, p. 16), citando Goethe diz: “O olho deve sua existência à luz. De órgãos animais a ela indiferentes, a luz produz um órgão que se torna seu semelhante. Assim, o olho se forma na luz e para a luz, a fim de que a luz interna venha ao encontro da luz externa.” A partir dessa afirmação, podemos formar a imagem de uma ponte entre um lado que “dá forma” e outro lado, que ao responder a isso, revela “o que é que os une”.

Assim, pretendo neste trabalho compreender a relação entre a arte e o ser humano, explorando diferentes âmbitos que tratam do tema, desde o estudo das cores até os modos em que isso alcança a educação na infância.

2) ESTRUTURA DO TRABALHO E METODOLOGIA

Para desenvolvimento deste trabalho, optei por utilizar a metodologia da pesquisa bibliográfica, na forma de um ensaio reflexivo, como modo de entrar em contato com os fundamentos da Teoria das Cores de Goethe, com suas reflexões sobre o meu objeto de estudo: as cores.

Além disso, pretendo dialogar com as ideias dos autores, manifestando reflexões críticas a partir de minha experiência pessoal com as artes e, em especial, com as cores, alcançadas durante minha vida escolar. Para deixar mais claro meu objeto de estudo, é importante falar sobre a Teoria das Cores e sobre seu autor Johann Wolfgang Von Goethe.

Durante uma viagem à Itália, por volta de 1786, Goethe teve contato com as obras plásticas do período renascentista. Nessa ocasião, segundo sua autobiografia, o autor começou a conceber a sua teoria. Em 1810, foi publicada a primeira edição do livro “A Teoria das Cores” (Zur Farbenlehre). Nessa obra, Goethe propõe uma abordagem totalmente inovadora para o tema, bastante distinta da abordagem consagrada por Isaac Newton, que trata a questão desde uma perspectiva basicamente física. A Teoria das Cores de Goethe introduz o conceito de que a nossa percepção das cores é formada em nossa mente a partir da visão, passando pelo processamento do cérebro, conformando as sensações.

Em um primeiro momento, este trabalho apresenta uma contextualização da Teoria das Cores e explica porque esta se distancia de outras teorias como aquela proposta por Isaac Newton. Em seguida, passaremos pela classificação das cores feita por Goethe em seu livro “A Doutrina das Cores”, que distingue três tipos de cores: as cores fisiológicas, explicada por Jonas Bach, em seu artigo “As cores fisiológicas na ciência de Goethe: educação e fenomenologia; as cores físicas e as cores químicas”.

No segundo quadro, trataremos da arte e da educação, visando a um melhor entendimento de como a arte atua no desenvolvimento do ser humano na infância, com a ajuda de grandes pensadores da educação: Lev Vigotsky e Rudolf Steiner.

3) CAPÍTULO I - TEORIA DAS CORES DE GOETHE

3.1) CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E O MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Goethe foi cientista, escritor e poeta nos séculos XVIII e XIX, porém seu modo de fazer ciência não se prendia a comprovações mensuráveis e, sim era fiel à observação dos fenômenos e às conclusões que existem por trás desta observação. Goethe propunha um novo modo de observação de um fenômeno que consiste na integral entrega e devoção àquilo que é observado. Seu jeito de fazer ciência foi fortemente questionado pelos cientistas da época, não apenas por ser um estudo empírico que deixa de lado os cálculos matemáticos, mas, também, por ser uma observação quase poética do objeto que não exclui o apanhado de reflexões teóricas que existem por trás do fenômeno. Por esse motivo, a teoria das cores de Newton, que já era aceita na época, foi negada por Goethe e, então, a teoria das cores, não foi vista com bons olhos pelos cientistas.

Não se sabe ao certo porque esse modo de fazer ciência ainda não é aceito pela ciência moderna. Vemos como os conhecimentos que se apresentam de forma subjetiva são considerados, pela visão cientificista, como meras reflexões filosóficas que não pretendem explicar o mundo de forma empírica. Possebom (2009, p. 11) traz uma breve reflexão sobre essa maneira única do pensar científico atual:

Infelizmente, a obra científica de Goethe ainda hoje não desfruta nem do conhecimento nem da merecida consideração pela apresentação de um caminho diferenciado de ciência. [...] Talvez, devido à imersão em que vivemos na tradição científica, nos seus pressupostos, processos e também nos seus dogmas e preconceitos, a dificuldade maior seja mesmo admitirmos que possa existir a possibilidade de uma outra visão do mundo que mereça também ser chamada de científica. (POSSEBON, 2009, p. 11)

Na teoria das cores proposta por Newton, ele afirma, a partir de estudos empíricos, que a cor surge quando a luz é decomposta a partir de uma refração provocada por um prisma de vidro polido, com isso a luz se decompõe em feixes coloridos formando um espectro de cores. Cada cor tem uma velocidade diferente por isso conseguimos vê-las separadamente neste experimento, caso a velocidade de azul e do amarelo, por exemplo, fosse a mesma veríamos o

resultado dessas cores, no caso, veríamos verde. Esse experimento passou por várias reflexões e questionamentos, já que o resultado muda de acordo com o ângulo da luz que é incidida no prisma, porém também abriu várias portas para um novo pensamento sobre as cores.

3.2) CLASSIFICAÇÃO DAS CORES POR GOETHE

Porque falar de um método de observação? Porque saber sobre o método fenomenológico? Jonas Bach (2016, p. 118) diz:

Como fenomenologia da natureza, o método de pesquisa de Goethe tem implicação no campo da educação, ao fundar um processo de aquisição do conhecimento que não busca a dicotomização entre sujeito e objeto. Ao enfatizar a formação do sujeito em seu aperfeiçoamento em relação às impressões sensoriais, a fenomenologia da natureza possui desdobramentos para a prática educativa, ao percorrer processos paradigmáticos diferenciados em comparação ao reducionismo dos modelos matemáticos, herdados do passado como referências referendadas e estabelecidas. Nestes termos, a fenomenologia da natureza se apresenta como processo complementar aos métodos científicos vigentes, evitando, assim, absolutizações e unilateralidades presentes em qualquer formação reducionista. Deste modo, este estudo vem colaborar na proposição de um processo educativo dialógico, tendo a natureza como parceira ativa e o método de pesquisa de Goethe como suporte dialógico e intermediador (BACH, 2016).

Goethe buscava, dentro desse estudo empírico, descobrir o fenômeno primordial que há nas cores. Ele categoriza as cores em, três diferentes classes: as cores fisiológicas, as cores físicas e as cores químicas. Essa categorização foi feita a partir da durabilidade da manifestação da cor. Dessa forma, as cores fisiológicas são as menos duráveis, são cores que rapidamente mudam de uma para a outra, essas cores são produções do olho humano. As cores físicas têm a durabilidade maior que as fisiológicas, porém estão suscetíveis a fenômenos externos que podem mudá-la. E as cores químicas são cores permanentes e estão diretamente ligadas ao objeto.

A classificação, não sendo arbitrária, é participativa, ou seja, o fenômeno, a natureza, “indica”, por meio dos seus modos de manifestação, como o fenômeno precisa ser compreendido. O papel do pesquisador, nesta postura

participativa e dialógica com e na natureza, é de auscultar esta linguagem da natureza para que a pesquisa esteja em sintonia com o próprio objeto. (BACH, 2016, p. 119)

A partir disso, começamos a olhar para o fenômeno das cores com outros olhos, não mais tentando quantificar uma frequência de luz ou o comprimento da onda, mas sim, caminhando para uma compreensão sobre uma totalidade da cor que é a luz e escuridão. Com nossos olhos, podemos fazer com que essa polaridade de luz e escuridão se constitua e seja percebida de forma viva, a partir das cores. “O olho é um ser criador de complementaridade em relação ao que ele capta em seu ambiente.” (BACH, 2016, p. 121). Dessa forma, na tentativa constante de conversa com o mundo, nossos olhos tentam ser um só com as imagens que vemos do mundo fazendo internamente o movimento que completa o que é visto externamente. Bach (2016, p. 121), citando Goethe diz:

Quase não notamos isso na vida cotidiana, pois raramente ocorrem imagens em forte contraste. Evitamos olhar para aquelas que ofuscam. A sucessão de imagens nos parece pura: ao olharmos de um objeto a outro, não percebemos que algo da imagem anterior furtivamente se insinua na seguinte. (BACH, 2016, p. 121)

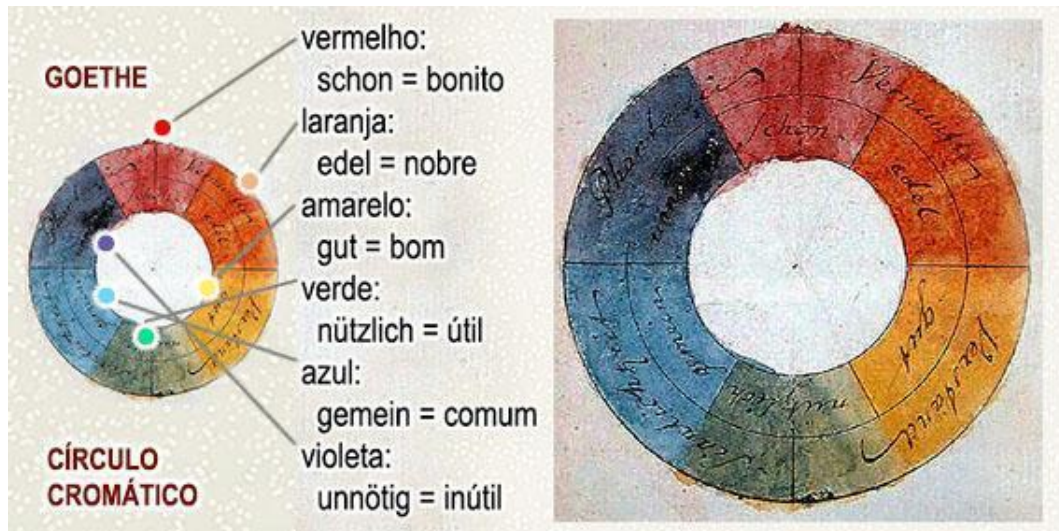
O olho busca uma relação integral com o ambiente, por isso internamente ele produz a cor complementar do que ele vê externamente, sendo isso uma resposta à incessante conversa da luz com a escuridão. E também por isso é o único órgão sensorial que tem a possibilidade de se fechar para o que o mundo oferece por meio das pálpebras permitindo que poucas informações externas se adentrem ao corpo por meio deles.

3.3) PSICOLOGIA DAS CORES DE GOETHE

A teoria das cores de Goethe interessou mais a artistas do que a cientistas, já que permite um novo envolvimento com as cores, possibilitando outro tipo de relação com a pintura e com o desenho. Uma grande diferença proposta por Goethe é nova formulação do espectro de cores, dividido de maneira angular pelas diferentes cores, conforme sugerido por Newton, para um círculo de cores, em que cada cor fica simetricamente oposta a sua cor complementar.

Essa mudança ocorre quando, ao pensar sobre a teoria de Newton, Goethe tenta inverter as condições utilizadas no experimento feito por Newton com o prisma. Essa inversão

consistia na incidência de um pequeno ‘feixe de escuridão’ envolto por luz em um prisma. E, para a surpresa de todos, Goethe viu as outras três cores: azul, magenta e amarelo. Completado com as cores anteriores, ele pôde apresentar o círculo das seis cores fundamentais:



Círculo cromático de Goethe (cores materiais) e algumas qualidades de ordem psicológica. Imagem por Eduardo de Paula retirado do site: <https://sumidoiro.wordpress.com/2018/03/01/newton-goethe-teoria-cor-cores-sensacao-rosa-temperamentos-chevreul-gobelins/>

A partir dessas observações, Goethe foi o primeiro a descrever as características e mudanças anímicas provocadas no ser humano por cada cor. Ele relata experiências que fez ao botar diante dos seus olhos um filtro de cor azul, por exemplo, e assim observar que movimentos ocorrem internamente, na alma. Ele propôs palavras para cada cor do círculo das cores que expressam esse movimento anímico. Inclusive, a cromoterapia praticada nos dias atuais baseia-se nesse legado deixado por Goethe com a psicologia das cores.

Steiner, na terceira palestra do livro *A arte da educação 2* (1988, p. 25), fala sobre a importância de o professor se apropriar dos sentimentos expressos na alma a partir das cores, para que haja uma completa entrega e reverência para aquilo que se espera, ao ensinar crianças:

Em que se baseia essa parte didática da teoria das cores de Göethe? Baseia-se no fato de Göethe sempre permear cada cor com uma nuance de sentimento. Assim ele enfatiza o provocativo no vermelho, relevando não apenas o que o olho vê, mas o que a alma sente em relação ao vermelho. De igual maneira ele enfatiza a tranquilidade, o ensimesmamento que a alma sente junto ao azul. Sem quebrar a ingenuidade, pode-se introduzir a criança

no mundo das cores de um modo tal que as nuances de sentimento do mundo das cores se ressaltem. (STEINER, 1988, p. 25)

Assim, o professor deve se preencher de cada um desses sentimentos de maneira pura e possibilitar a seus alunos uma relação intimamente verdadeira para si, com cada um desses sentimentos. Se considerarmos a visão de Steiner acerca do desenvolvimento infantil, vemos que, ao observar o mundo, a criança assimila aquilo que existe de verdade em cada ser humano, e assim reproduz, sem ter tanta consciência ainda, os princípios morais contidos nas ações dos adultos que a rodeiam. Dessa forma, se os educadores se apropriarem do sentimento da cor e, dessa forma, conseguirem transmitir para as crianças a grandeza desse sentimento, a partir da ação, do fazer, o sentimento terá para aquelas crianças um significado maior do que se o educador passasse o conceito por meio de um discurso moral. Nos dois casos, o conceito é abordado, no primeiro caso o conceito é trazido de maneira viva, de forma a deixar aberta a possibilidade de transformação. No segundo caso o conceito é trazido de forma cristalizada, visando o entendimento teórico total dele, deixando de considerar como, no fazer e nas emoções, esse conceito pode existir.

4) CAPÍTULO II – ARTE, DESENVOLVIMENTO INFANTIL E STEINER.

Steiner foi escritor, palestrante, professor, escultor e pintor. Fundador da sociedade Antroposófica e da Pedagogia Waldorf. Desde muito jovem, Steiner, estudou as obras de Goethe, mais adiante ele editou-as e escreveu sobre elas. Steiner se vinculou e se inspirou no modo de olhar para o mundo que Goethe propõe. Em várias de suas obras, Steiner se refere ao método fenomenológico de Goethe com bastante entusiasmo.

A vontade de trazer esse autor, como complemento para este trabalho, surgiu pelo olhar holístico que Steiner tem sobre o que é o ser humano, considerando-o um ser que se trimembra em pensamento, sentimento e ação/querer, sendo essa trimembração composição para um ser integral que é o ser humano. Sua maneira de olhar para o desenvolvimento humano não deixa de considerar em nenhum momento o desenvolvimento desses três membros que ocorre, simultaneamente, acompanhando o desenvolvimento corporal sem separação.

Seguiremos com o olhar para o desenvolvimento humano, com alguns autores que estudaram o pensamento de Steiner, para nos aproximarmos um pouco desse olhar.

Quando nasce um ser humano, todos seus sentidos de percepção do mundo começam a ser trabalhados, pelo simples fato de viver. Cada sentido percebe o mundo levando essas informações soltas a um espaço, onde elas podem ser recompostas a partir do pensar e assim, reproduzidas como conceitos, colocando sentido no que percebemos. O pensar conecta as informações que os sentidos coletaram, permitindo o desenvolvimento da auto percepção e de uma consciência da percepção.

Podemos dizer, portanto, que a ‘formação da imagem’ é um processo subjetivo, pois é efetuado pelo ‘sujeito’, a partir de elementos ‘objetivos’. Não podemos fazer a árvore, mas podemos reproduzi-la conceitualmente dentro de nós, com todas as suas características e qualidades. Desse modo, chegamos à sua essência conceitual (SETZER, 2000)

Porém, até chegar a um pensar ativo, a criança passa por algumas etapas que dão base para que o pensar exerça seu papel, tal como conhecemos na vida adulta. Lievegoed, em seu livro “Desvendando o crescimento”, discorre sobre o desenvolvimento humano, a partir de

estudos de livros e palestras de Rudolf Steiner. Focaremos no desenvolvimento infantil, especificamente, trazendo a abordagem presente no livro, para melhor compreendermos como esse olhar diferenciado para a relação entre o “sentir” e as cores, conforme proposto por Goethe. Essa é também uma vivência significativa, quando falamos em educação. Vale ressaltar que “estamos convencidos de que só haverá seres humanos felizes, capacitados e inteligentes se a pedagogia levar em conta, desde o início, o desenvolvimento corporal, anímico e espiritual.” (LIEVEGOED, 1994, p. 12)

O desenvolvimento do ser humano ocorre, na verdade, sem divisões de partes ou etapas regradas, uma após a outra. Entretanto, para fins didáticos, proponho que sigamos o raciocínio, fazendo uma divisão entre os três membros que compõe o ser humano, como forma de entender o que é cada um deles separadamente, para, mais na frente, conseguirmos entender que cada uma dessas partes são peças fundamentais para que o ser humano seja um ser criador.

Em “Desvendando o Crescimento”, vemos que o marcador corporal que divide a infância da idade escolar é a queda dos primeiros dentes. Esse momento vem acompanhado do nascimento dos primeiros molares, o que pode acontecer junto, antes ou depois da queda do primeiro dente. O período desde o nascimento do ser humano até a queda dos primeiros dentes é marcado pelo enorme desenvolvimento corporal, que somente nesse período da vida tem tal dimensão. O período que interessa a este trabalho é justamente o período que ocorre desde o nascimento até o momento em que a criança está física e animicamente preparada para a alfabetização, pois é nesse momento em que a criança está se familiarizando com o mundo físico. Por isso, se esse primeiro contato com o mundo for repleto de experiências ricas em significado e verdade, esse pequeno ser poderá se relacionar com o mundo de forma significativa e verdadeira.

Podemos dividir essa primeira etapa de vida, do nascimento até a maturidade escolar, em três aspectos. No desenvolvimento da vontade, observamos como no recém-nascido ainda não se pode falar em uma vontade consciente, tudo para ele ainda gira em torno das funções vitais do organismo. O bebê sente vontade daquilo que é pedido a ele pelas necessidades corporais. Já a criança pequena, que deixou de ter, fisicamente, características de bebê, age por impulso do desejo que somente tomará forma de vontade mais na frente, quando esse desejo for acompanhado por uma meta. Somente quando a criança, por impulso próprio,

desejar estabelecer uma meta para sua ação é que sua vida volitiva, da vontade, estará plenamente ativa.

Outro aspecto que podemos observar é a respeito do desenvolvimento da vida emocional na infância. No bebê, assim como no desenvolvimento da vontade, suas emoções ainda ficam muito presas ao bem-estar e ao mal-estar físicos. Se algo o incomoda, fome, cólica, sono, então o bebê chora. Caso contrário, não precisa chorar, se sente bem. Esse é o começo da vida emocional. Já na criança pequena “o mundo exterior participa em escala crescente do nascimento das emoções” (LIEVEGOED, 1994, p. 48), fazendo com que as primeiras crises na infância se deem por conta do sentimento de limite que existe corporalmente entre ela e o mundo, assim a criança percebe que pode dizer não a um pedido comum dos adultos, como, por exemplo, tomar banho. Com isso, “a melhor maneira de se estudar o desenvolvimento da vida emocional consiste em observar o caráter da atividade lúdica da criança.” (LIEVEGOED, 1994, p. 48). Com isso, percebemos como, mais na frente, por volta dos quatro anos de vida, ao brincar, a criança traz para o mundo exterior o que tem de movimento interno expressando-se como fantasia criadora, como diz Lievegoed (1994, p. 50):

Antes o sentir estava ligado à percepção das próprias funções vitais e da redondeza. No período mencionado surge, no âmbito emocional, uma nova força que se contrapõe ao mundo exterior, a qual se poderia chamar de fantasia criativa. Oposta ao ambiente externo e a partir do interior da criança, essa fantasia o transforma conforme as necessidades interiores. (LIEVEGOED, 1994, p. 50)

É na fantasia criativa que reside a essência do sentir. Quando a criança, ao se relacionar com um objeto cotidiano, consegue, por meio da fantasia, imaginar que uma colher é um avião, a mesma colher que essa criança toma sopa todas as noites. Nesse momento, a criança se relaciona sentimentalmente com esse objeto, não como colher, mas sim como um avião, com turbinas e asas que existem apenas no sentimento que a criança deposita na ação de brincar.

O desenvolvimento do pensar ocorre conforme nossa corporeidade vai ganhando mais autonomia. Com a formação das primeiras palavras, percebemos maior destreza muscular do que havia durante o balbúcio. Já, conforme a criança começa a construir pequenas frases, podemos perceber como o pensar já começou a se estruturar. Até que a criança já formule frases complexas e, a partir daí, comece uma leitura do mundo, ela já possui construções de diversas imagens e consegue acessar uma abstração conceitual um pouco mais elaborada. A construção do pensar começa por meio da linguagem. Com isso, percebemos como a língua materna representa muito de como o ser humano pensa, não de forma determinante, mas definindo traços similares entre pessoas de um mesmo local, por exemplo.

A linguagem de um determinado povo procura, por meio de vogais e consoantes, denominar e exprimir a Criação. Se vários povos denominam o mesmo objeto de maneiras diferentes, isso indica que o mesmo conteúdo produz neles vivências diversas, conforme suas diferenciadas disposições anímicas. (LIEVEGOED, 1994, p. 43)

Steiner diz que para que o ser humano atue com toda sua completude e inteireza, ele precisa ter em atividade e constante desenvolvimento esses três aspectos que citamos anteriormente, o pensar, o âmbito emocional e a vida volitiva. O fazer artístico é capaz de colocar em atividade o ser humano inteiro de maneira viva.

Em uma conferência voltada para a formação de professores da primeira escola Waldorf, Steiner fala sobre o elemento vivificador da vontade que reside na arte de educar:

O que é, afinal, a linha do horizonte? Se simplesmente tomarmos um lápis e a desenharmos, isso será algo abstrato, moribundo, inverídico frente à Natureza, que sempre possui duas correntes — o morto e o vivo. Nós isolamos uma corrente e afirmamos que é Natureza. Se, no entanto, eu disser “vejo algo verde e algo azul separando-se entre si”, então a linha do horizonte nascerá a partir do limite entre as cores, e aí estarei dizendo uma verdade. É assim que os Senhores chegarão paulatinamente a constatar que a forma da Natureza surge efetivamente da cor, e que, por isso, o desenhar é abstraente. Deveríamos produzir uma boa ideia, uma boa sensibilidade para tais coisas já na criança em crescimento, pois isso vivifica todo o seu ser anímico e conduz a uma correta relação com o mundo exterior. (STEINER, 1988, p. 26)

Assim, vemos que ao olharmos para a criança com o intuito de lhe proporcionar um desenvolvimento do pensar rico e puro, um envolvimento com o sentir de maneira transformadora e uma vontade vivificadora, como ocorre com a linha do horizonte ao relacionar a forma do todo às cores que a limitam, podemos tatear a grandeza que reside no fazer artístico.

De um lado, os Senhores devem procurar ensinar à criança coisas que sejam preferencialmente artísticas: música, desenho, modelagem, etc.; mas devem ensinar também aquilo que possa ter um sentido, fazendo-o porém de uma forma tão abstrata que a criança não compreenda esse sentido imediatamente, e sim somente mais tarde na vida — por tê-lo assimilado pela repetição, podendo assim recordá-lo e então compreender, com a maturidade mais intensa, o que antes lhe era impossível. Aí os Senhores terão atuado sobre seu querer. E também terão atuado muito especialmente sobre seu sentir, e isso não pode ser esquecido. Tal como o sentir — isto se evidencia tanto à observação anímica quanto à espiritual — se situa entre o querer e o pensar, também a atividade educativa visando ao sentir se situa entre as medidas a serem tomadas em relação ao pensar e aquelas destinadas ao querer e seu desenvolvimento. Para o conhecimento intelectual, devemos recorrer ao que desvenda o sentido: ler, escrever, etc.; para a ação volitiva precisamos desenvolver tudo o que não se relacione com a mera indicação do sentido, mas com a captação imediata por parte do homem todo: o elemento artístico. O que se situa entre ambos atuará preferencialmente sobre o cultivo do sentimento, sobre o cultivo da afetividade. (STEINER, 1988, p. 57)

É com o fazer artístico que o ser humano se caracteriza como ser criador. A arte torna o ser humano mais humano. E com o conhecimento acerca da teoria das cores de Goethe começamos a compreender como as cores se aproximam dos sentimentos e o sentimento possui força transformadora.

5) CAPÍTULO III – ARTE, DESENVOLVIMENTO INFANTIL E VIGOTSKY.

Lev Semionovich Vigotsky foi um pensador nascido na Bielorrússia que contribuiu com grande força para a educação, a psicologia e outras áreas, mesmo tendo suas obras censuradas na Rússia. A censura durou até que, por volta de 1950, as pessoas puderam ter acesso a suas obras. Ele possui uma sensibilidade bela que olha para o ser humano como um ser de possibilidades, um ser que, com toda sua carga histórica e cultural, é também um ser que cria e é capaz de se relacionar socialmente com o mundo e consigo mesmo.

Vigotsky, no livro *Imaginação e Criação na infância*, nos ajuda a compreender melhor como no desenvolvimento infantil, desde a repetição até a criação, há espaço para a criação artística, científica e técnica. Aqui, olharemos mais especificamente para o surgimento da criação artística, como atividade criadora do ser humano.

Para entendermos melhor o que é a atividade criadora do homem, precisamos voltar para a primeira infância, quando, ao brincar, tínhamos em pleno movimento nossa atividade criadora. Quando a criança brinca, ela se utiliza de elementos da realidade, os reproduz e os coloca em um cenário composto pela associação de outras imagens já compostas anteriormente. Essa combinação e reelaboração da repetição de elementos da realidade denomina-se atividade criadora.

A atividade humana é marcada por dois atos que são fáceis de observar no cotidiano do ser humano. Em primeiro lugar, temos a atividade reprodutiva que está diretamente vinculada à memória, é o que nos dá possibilidade de nos adaptarmos às diferentes condições propostas pelo mundo. Com essa atividade, podemos perceber a enorme plasticidade do sistema nervoso, nosso cérebro ao reproduzir algo ele faz um caminho que já foi trilhado anteriormente por ele mesmo, aproveitando as marcas que ali foram deixadas.

Em segundo lugar, temos a atividade combinatória ou criadora que ao combinar ou reelaborar as experiências da memória, se tem como resultado algo novo, algo que não tinha sido ainda estruturado pela atividade reprodutora, mas que, após ter sido elaborado, passa a fazer parte desse conjunto da memória e que poderá ser acessado e utilizado da mesma, ou de outra, maneira que foi estruturado.

A atividade criadora pode ser desde uma simples representação mental de algum lugar não conhecido, constituído pelas referências anteriormente apropriadas, até a criação de um objeto sobre o qual não se pensava antes. A atividade criadora permeia tudo o que o ser

humano já fez, tudo o que deixa de ser natural e passa a ser cultural a partir da atividade humana. Como diz Vigotsky: “É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando seu presente” (VIGOTSKI, 2009, p. 14)

Vigotsky, ao trazer esse tema, aborda quatro tipos de relação possíveis entre as atividades de fantasia e de realidade. O primeiro tipo de relação diz: “Toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade”, ou seja, toda criação é necessariamente uma transformação do que o mundo nos oferta.

O segundo tipo de relação diz respeito a uma criação que é feita a partir da imagem e que seu produto coincide com alguma imagem real. Por exemplo, quando se pede que imagine a vista do topo do pico da bandeira, naturalmente, se você nunca subiu no pico da bandeira, você não sabe que imagem real esse lugar tem. Porém, a partir de imagens internalizadas do âmbito social, imagens que só existem pela experiência vivida por outra pessoa, você pode imaginar como seria o alto do pico da bandeira, criando uma imagem interna que condiz com o que é na realidade.

Quando estamos tristes, o dia fica sem muitas cores vibrantes, enquanto em um dia de muita alegria e entusiasmo vemos o brilho das cores com mais intensidade. A luz toma conta de nós e tonaliza, pelo filtro da emoção, o que vemos. Essa é a terceira relação entre fantasia e realidade, ela se dá quando a emoção se vincula a imagens e signos que são comuns entre os seres humanos. Essa é a lei do signo emocional comum, aqui surge um diálogo entre o movimento interno e o movimento externo ao ser humano. Também ocorre o movimento inverso, no qual algum fator real influencia na fantasia gerando alguma emoção, a emoção neste caso não é real, mas a fantasia surge por meio de algo real. Nesse caso, também ocorre um diálogo entre o âmbito interno e o externo, mas desta vez é outra lei que rege esse movimento, a lei da realidade emocional da imaginação, é a lei psicológica das artes. É por meio dessa relação que os sentimentos conseguem ser transmitidos por meio da música ou por meio de uma pintura. Quando uma pintura ao ser vista por um ser humano, por meio dos sentidos, é internalizada, essa composição de formas e cores fará borbulhar internamente sentimentos. As cores atuam nesse âmbito, o âmbito das emoções, que é muitas vezes esquecido no ato de educar. Quando o professor consegue chegar nesse nível de sutileza, perante as emoções, que não tenta modificar nada por meio da ideia e sim por meio do sentimento, somente aí alguma mudança significativa é feita no interior do ser humano.

A quarta forma de relação ocorre quando concretizamos algo inventado a partir de nossa fantasia. A fantasia, fruto da composição e associação de experiências anteriores, se cristaliza dando origem a algo novo que, a partir do momento que é cristalizada, passa a influenciar o mundo real e modificá-lo, apenas por existir.

Com isso, notamos como a experiência vivida é base primordial para tudo o que na vida adulta cultivamos e buscamos para sermos seres que, ao criar, conseguimos ter melhor relação com nosso interior, com nossas emoções e com a sociedade. “Se a realidade é o alicerce para a imaginação, a cada vez que experienciamos a vida, mais complexa vai se tornando nossa imaginação.” (GONÇALVES, 2017, p. 195)

Assim, entendendo melhor como a arte atua com as emoções, paremos para discorrer um pouco sobre o papel das emoções no comportamento humano. Se não houvesse emoções, o que daria impulso para a ação? Gonçalves (2017, p 198), nos faz olhar para isto quando cita Vigotsky :

Toda emoção é um chamamento à ação ou uma renúncia a ela. Nenhum sentimento pode permanecer indiferente e infrutífero no comportamento. As emoções são esse organizador interno das nossas reações, que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. Desse modo, a emoção mantém seu papel de organizador interno do nosso comportamento.(GONÇALVES, 2017, p. 198)

Se as emoções são organizadoras do comportamento e a arte é a organizadora das emoções, por meio da arte podemos regular o comportamento. Isso é de grande valor para a educação, pois se visamos com a educação à transformação da humanidade para que haja cada vez mais respeito, amor e compreensão no mundo, devemos saber de que formas podemos acessar o que de mais íntimo existe em cada um, para assim cultivarmos uma sociedade que se relaciona de maneira saudável e verdadeira consigo e com o mundo.

6) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passamos, brevemente, pelo o universo das cores que Goethe e diante de tanta sabedoria que essa obra contém podemos continuar inspirando entusiasmo.

Quando passamos a olhar para a luz e para a escuridão como uma unidade, como duas partes de uma totalidade, só assim poderemos entender o que é manifesto, a cor. Ela é como a expressão da relação do ser com o mundo, a expressão de uma luz interna e uma luz externa que se encontram no mundo manifesto como a cor. Da mesma maneira se dá a relação da fantasia com a realidade, que ao dialogarem podem gerar de maneira viva algo novo, ainda pulsante. E é assim, também, como o professor deve se colocar diante do aluno, como o olho que busca na luz o que complementa aquilo que está manifesto para a busca de um ser integral.

Goethe para redescobrir as cores teve que passar pela apropriação do que Newton trouxe e também pela relação direta com esse conhecimento para só, em um terceiro momento, passar por uma nova apropriação do fenômeno observado a partir de todo o processo feito, chegando a outra verdade que também estava contida no que foi observado. Da mesma forma, a relação do ser humano com a experiência da cor pode gerar frutos para um melhor autoconhecimento e autopercepção em relação ao mundo. pois, ao se deixar permear de cada cor como se fosse o ar que entra em nossos pulmões, o ser humano terá exercitado não só objetivamente, mas também subjetivamente, o respirar da visão.

Quando botamos em atividade nossa vontade movimentamos também os processos do sentir e conseqüentemente do pensar.

Precisamos inovar as possibilidades de relação e experiências do ser humano com a cor, possibilitar diferentes tipos de vivências com as diferentes cores para que, com o passar do tempo, e em exercício com as cores, o ser humano possa se relacionar com o outro e com o mundo de maneira plena e verdadeira. Desde que nascemos, tudo que experienciamos é ainda muito novo, até mesmo o movimento do corpo se organiza com o tempo. Com a visão não é diferente, as cores e formas vão sendo construídas a partir do que já foi vivenciado. Na educação infantil, temos o devido espaço para que essas experiências aconteçam, porém temos que tomar o cuidado de não poluir o ambiente de imagens, com o objetivo de exercitar logo o sentido visual dos bebês, por exemplo. Se pensarmos que o movimento corporal, que é semelhante ao visual, já que os dois são movimentos musculares, somente se organizam com

o passar do tempo e em movimento, perceberemos então que não adianta botar imagens diante dos olhos de uma criança e esperar que a criança se relacione com a cor.

Assim, experienciar a cor nos permite regular os sentimentos, nos relacionar de uma nova maneira com o mundo e com os outros, permite ainda o aprimoramento qualitativo da percepção do mundo, a partir sentido da visão, sendo enormemente rico no processo de desenvolvimento infantil. O fazer artístico, que tem como meta o próprio ato da arte, alcança a dimensão das relações sociais, tendo fortes impactos na relação social que vivemos com o mundo e com nós mesmos.

Assim como na teoria das cores vemos que é possível um olhar científico diferenciado para o mundo, também na relação do ser humano com a arte não está apenas a expressão artística como resultado do sentir, mas na relação de como o ser humano se permite sentir por meio da arte, como processo.

“Em dias longínquos...
o Espírito de tudo que é terreno
foi ter com o Espírito do Céu,
e foi assim que ele falou:

Eu sei falar
Com o espírito humano,
Mas peço-te dar-me
Aquela língua pela qual
O coração do mundo
Fala ao coração do Homem.

Foi então que o bondoso
Espírito Celeste
Deu ao Espírito Terrestre
A Arte!”

Rudolf Steiner

REFERÊNCIAS

- STEINER, Rudolf. **A arte da educação II**. Ed. Antroposófica. 1988.
- BACH JUNIOR, Jonas. **As cores fisiológicas na ciência de Goethe: educação e fenomenologia**. *Ciênc. educ. (Bauru)*. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1516-731320160010008>.
- POSSEBON, Ennio. **A teoria das cores de Goethe hoje**. FAUUSP. (São Paulo). 2009.
- SILVA, Cibelle Celestino and MARTINS, Roberto de Andrade. **A teoria das cores de Newton: um exemplo do uso da história da ciência em sala de aula**. *Ciênc. educ. (Bauru)*. 2003. p.53-65.
- SETZER, Sonia. **Os doze sentidos**. SBMA. (São Paulo). 2000.
- ARAÚJO, Leonardo Carneiro. **A teoria das cores de Goethe**. 2005.
- LIEVEGOED, Bernard. **Desvendando o crescimento**: as fases evolutivas da infância e da adolescência. Tradução de Rudolf Lanz . São Paulo. Antroposófica, 1994.
- VIGOTSKY, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores: tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.
- VIGOTSKY, Lev Semionovich . **Psicologia Pedagógica** / Lev Semionovich Vigotsky; trad. Claudia Schilling - Porto Alegre: Artmed, 2003.
- GONÇALVES, Augusto Charan Alves Barbosa. **Educação musical na perspectiva histórico-cultural de Vigotski**: a unidade educação-música. 2017. xiii, 277 f., il. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.